

A 'queda' da inflação que resultou no Plano Collor II

Por esses prognósticos, embora o país nem suspeite quem será o próximo presidente da República, seus indicadores já estão prontos. E em seu mais recente boletim, cuja assinatura anual está entre as mais caras do mercado (vale US\$ 1,2 mil), há previsões até 1998.

Nem sempre as projeções feitas indicam o caos na economia. No final de 1990, a Suma Econômica garantia a seus assinantes que a inflação seguia uma trajetória de queda.

"O Governo recuperou sua capacidade de investimento e poupança. A inflação cairá rapidamente podendo ficar restrita a apenas um dígito já em abril", dizia. Um mês depois, o Governo decretou o Plano Col-

lor II devido ao aumento súbito da inflação. E 12 meses depois, a carta editada pelo economista Yuichi Tsukamoto, "Cenários", se dirigiu pelo caminho inverso e previu nova intervenção do Governo para o final de 1991. E mencionou abertamente a dolarização na economia. Nada disso aconteceu de fato, muito menos a inflação de 60% no mês de abril na hipótese pessimista, ou os 9% no cenário provável. A inflação alcançou 18,54%, medida pelo Índice Geral de Preços.

De modo geral, estas projeções muitas vezes não se confirmam. Lopes chegou a prever saldo na balança comercial (as exportações menos as importações) de apenas US\$ 6,23 bilhões

para 1991, quando o resultado concreto alcançou US\$ 10,9 bilhões. Para evitar tais erros, o economista Claudio Contador, do Indicadores Antecedentes, costuma fazer quatro hipóteses, e não apenas três — pessimista, otimista e provável — como é habitual. Só que dá nomes complicados a estes cenários: autárquico-desequilibrado; autárquico-ajustado; aberto-desequilibrado e modernidade eficiente.

Em meio a tanta futurologia, é óbvio que existem análises bem feitas. É o caso da publicação mensal do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) que, embora esteja vinculado ao Ministério da Economia, traça diagnósticos confiáveis. No pas-

sado, porém, o Governo foi tentado a fazer muita futurologia. O BNDES tinha os seus famosos cenários, que pintavam um quadro cor de rosa para o país até o ano 2000.

Em março de 1990, na mudança do comando do banco, descobriu-se que estas previsões não tinham fundamento. Foram, então, devidamente engavetadas. Mas, para quem acredita em previsões, é bom anotar algumas para 1998: o setor de bens de consumo duráveis vai diminuir 4,5%; a indústria da construção civil crescerá 0,6% e o segmento de máquinas e equipamentos cairá 5%. E aguardar chegar o ano e depois cobrar os resultados da Macrométrica.